

**TRANS-FORMANDO A ARQUEOLOGIA BRASILEIRA:
(RE)VISITANDO A AMAZÔNIA INDÍGENA, SANTA ELINA,
SERRA DA CAPIVARA E LAGOA SANTA DE LUZIA**

**TRANS-FORMING IN BRAZILIAN ARCHEOLOGY:
(RE)VISITING THE INDIGENOUS AMAZON, SANTA ELINA,
SERRA DA CAPIVARA AND LAGOA SANTA DE LUZIA**

**TRANS-FORMANDO LA ARQUEOLOGÍA BRASILEÑA:
(RE)VISITANDO LA AMAZONÍA INDÍGENA, SANTA ELINA,
SERRA DA CAPIVARA Y LAGOA SANTA DE LUZIA**

Rosalvo Ivarra Ortiz¹

Resumo: Nas últimas décadas, sobretudo, posterior ao século XXI, inúmeros novos dados foram acrescentados a já conhecida embate arqueológica acerca da primeira ocupação da espécie humana nas Américas “Selvagens”. À vista disto, novos sítios arqueológicos foram catalogados, outros sítios estão sendo revisitados, reestruturados e ressignificados concomitantemente com novas perspectivas, assim sendo, a Arqueologia Brasileira está cada vez mais a ganhar espaço no cenário internacional, sobretudo, por propor novas datações para a primeira inserção do *homo* no continente. Desta forma, neste artigo pretendemos realizar uma revisão histórica e atual sobre esta problemática, isto é, mediante estudos e investigações de diversos autores/as, perpassando pela Região Amazônica, Santa Elina (MT), Serra da Capivara (PI) e Lagoa Santa (MG). Portanto, o nosso objetivo principal é facilitar a linguagem sobre este assunto, ainda bastante emblemática no pensamento arqueológico brasileiro, latino-americano e global. É por fim, cabe enfatizar que neste texto iremos trazer à tona diferentes imagens afim de situar o/a leitor/a, tais como: fragmentos cerâmicos, artes rupestres, escavações e instrumentos esqueléticos dos primeiros habitantes, homens e mulheres nativas que verdadeiramente descobriram esta terra e não os intrusos europeus, como muitos ainda os defendem na atualidade contemporânea.

Palavras-chave: Arqueologia, principais sítios, revisão, interpretação, Brasil.

Abstract: In the last decades, especially after the 21st century, countless new data were added to the already known archaeological clash about the first occupation of the human species in the “Wild” Americas. In view of this, new archaeological sites have been catalogued, other sites are being revisited, restructured and resignified concomitantly with new perspectives, thus, Brazilian Archaeology is increasingly gaining space on the international stage, above all, by proposing new dates for the first insertion of homo in the continent. Thus, in this article we intend to carry out a historical and current review on this issue, that is, through studies and investigations by several authors, going through the Amazon Region, Santa Elina (MT), Serra da Capivara (PI) and Lagoa Santa (MG). Therefore, our main objective is to facilitate language on this subject, which is still quite emblematic in Brazilian, Latin American and global archaeological thought. Finally, it is worth emphasizing that in this text we will bring up different images in order to situate the reader, such as: ceramic fragments, rock art, excavations and skeletal instruments of the first inhabitants, native men and women who truly discovered this land and not European intruders, as many still defend them today.

Keywords: Archaeology, main sites, review, interpretation, Brazil.

Resumen: En las últimas décadas, especialmente después del siglo XXI, se han agregado numerosos datos nuevos al ya conocido choque arqueológico sobre la primera ocupación de la especie humana en las Américas "Salvajes". En vista de esto, se han catalogado nuevos sitios arqueológicos, se están revisando, reestructurando y resignificando otros sitios concomitantemente con nuevas perspectivas, por lo tanto, la Arqueología brasileña está ganando cada vez más espacio en el escenario internacional, sobre todo, al proponer nuevas fechas para la primera inserción de homo en el continente. Por lo tanto, en este artículo pretendemos llevar a cabo una revisión histórica y actual sobre este tema, es decir, a través de estudios e investigaciones de varios autores, pasando por la región amazónica, Santa Elina (MT), Serra da Capivara (PI) y Lagoa Santa (MG) Por lo tanto, nuestro objetivo principal es facilitar el lenguaje sobre este tema, que todavía es bastante emblemático en el pensamiento arqueológico brasileño, latinoamericano y global. Finalmente, vale la pena enfatizar que en este texto presentaremos diferentes imágenes para ubicar al lector, tales como: fragmentos de cerámica, arte rupestre, excavaciones e instrumentos esqueléticos de los primeros habitantes, hombres y mujeres nativos que realmente descubrieron esto. tierra y no intrusos europeos, ya que muchos todavía los defienden hoy.

Palabras clave: Arqueología, sitios principales, revisión, interpretación, Brasil.

A rota de entrada é a primeira questão básica a ser respondida para o entendimento das primeiras ocupações das Américas. A semelhança física e genética dos ameríndios com populações asiáticas tem sugerido a Ásia como local de origem da população nativa americana. O estreito de Bering, localizado no nordeste

asiático, tem sido considerado, desde os primeiros estudos científicos do século XIX, como a principal rota entre Ásia e América do Norte. Durante o final do Pleistoceno, ou seja, entre 30 e 11 mil anos atrás, o estreito de Bering era uma rota contínua de terra. Embora a grande maioria dos estudiosos dos primeiros americanos acredite na rota de entrada pela Beríngia, há grupos minoritários que defendem a migração por outras rotas. Um exemplo histórico é a ideia de que os primeiros americanos chegaram na América do Sul pela Polinésia. Essa ideia foi defendida por Paul Rivet, baseando-se na semelhança craniana

dos antigos habitantes do Equador, de Lagoa Santa e da Polinésia (DA-GLÓRIA, 2019, p. 430-431).

Introdução

Nos últimos tempos a confluência da Arqueologia com as comunidades e populações nativas tem sido de grande relevância e conotação para o alvorecer das atividades, das ações, dos saberes, dos viveres, dos pensares e dos sentires arqueológicos ou etnoarqueológicos. A Arqueologia tem reformulado suas múltiplas interpretações- neste sentido as Américas indígenas, sobretudo, a Floresta Amazônica e adjacência (Amazonas, Pará e Acre), Santa Elina (Mato Grosso), a Serra da Capivara (Piauí) e o emblemático sítio de Lagoa Santa (Minas Gerais) tem sido um campo privilegiado, onde conceitos arraigados, estruturados, tradicionais estão a perpassar por profundas modificações paradigmáticas e epistemológicas.

Levando-se em consideração tais aspectos, no decorrer da história da disciplina, os arqueólogos sempre se utilizaram de dados etnográficos para elaborar suas múltiplas análises, descrições e interpretações sobre os materiais arqueológicos. Assim, inicialmente, se apropriando dos dados produzidos por aventureiros, viajantes, naturalistas, antropólogos, missionários, funcionários estatais, etc.; a posteriori, se utilizando dos dados obtidos a partir de suas próprias observações etnográficas no tempo-espaço. Nosso objetivo não é reduzir os dados coletados em outrora pelos pioneiros, isso porque, muitos desses sujeitos continuam super importante, principalmente pelas imensas informações que foram inseridas em documentos, arquivos ou levantamentos acerca da cultura material de diversas culturas.

Neste percalço, reflexão e interrogativa sobre a primeira ocupação humana do continente americano continua a gerar debate acalorado e muitas vezes errôneas nos meios acadêmicos e demais instituições que realizam pesquisa a respeito. Por muito tempo, pesquisadores de outros países das Américas, negaram descaradamente e explicitamente informações obtidas por arqueólogos brasileiros e seus interlocutores e colaboradores- sabe lá por qual razão. Podemos, então, afirmar que houve uma clara rejeição pela pesquisa arqueológica brasileira, principalmente pela Escola Norte-Americana, excetos, daqueles pesquisadores que aceitaram colocar seus nomes como co-autores de outrem, portanto, a promover uma verdadeira *migalha arqueológica*, que seus resultados ainda hoje sentimos.

Outra problemática que precisa ser mencionado, trata-se dos *furtos arqueológicos*, onde diferentes pesquisadores adentraram-se em território brasileiro, e conseqüentemente apropriaram-se de elementos valiosíssimos, e não estamos a falar de artefatos ou objetos museológicos outra questão extremamente emblemática, mas sim de dados que foram obtidos por pesquisadores locais ou regionais, pessoas humildes e desconhecidas da comunidade acadêmica nacional e internacional que foram enganadas por “estatistas arqueólogos”, sobretudo, europeus e estadunidenses. Portanto, houve por muito tempo furto de conhecimento, onde os verdadeiros descobridores, detentores e pioneiros caíram para sempre no esquecimento, créditos atribuídos mais uma vez aos colonialistas e neo-colonialistas.

Em vista disto, muitos arqueólogos e arqueólogas que ainda trabalham no Brasil foram cúmplices dessas ações desastrosas e totalmente impertinente que deixaram rastros, cicatrizes e lacunas eterna, principalmente para a cultura ameríndia. Mas, felizmente, nos últimos anos muitos arqueólogos novos surgiram- a evidenciar primeiramente, e a posteriori a potencializar novos leques de possibilidades- esperança para a Arqueologia Brasileira, todavia, a prática arqueológica em terra *Tupiniquim* ainda necessita despir-se de sua rigidez metodológica, muitos ainda ancoradas e alicerçadas nas teorias evolucionistas, positivistas e civilizatórias. Por fim, cabe corroborar que a Arqueologia Colaborativa (SILVA, 2015) e a Arqueologia Anticolonialista (EREMITES DE OLIVEIRA, 2016), tem propiciado um novo tempo- um novo horizonte, sobretudo,

a derrubar o “véu da ignorância arqueológica” e extirpar definitivamente os jargões pejorativos, racistas, xenófobos e preconceituosos que insistem imperar.

1. Relação intrínseca entre Arqueologia e Botânica na Amazônia Selvagem...

Os pesquisadores Myrtle Shock e Claide de Paula Moraes, através do texto intitulado “A floresta é o *domus*: evidências arqueobotânicas e arqueológicas das antigas ocupações humanas amazônicas”, corroboram acerca dos vestígios botânicos em sítios arqueológicos antigos que em outrora já foram campos de investigações dos pioneiros (primeiros pesquisadores da região), portanto, os autores procuram ressignificar os estudos anteriores. Tais pesquisas indicaram que a região Amazônica era ruim ou péssima nos que tangem as conservações de materiais orgânicas, sobretudo pela durabilidade dos produtos utilizados a época. No entanto, as múltiplas relações que há entre plantas e outros materiais- indicam que a ecologia da região é um campo fértil- que a posteriori irá revelar novos dados, que futuramente ressignificará parcial ou totalmente a Arqueologia Brasileira contemporânea. Para ampliar esta discussão Eduardo Góes Neves descreve que:

O registro arqueológico da ocupação inicial da América do Sul nunca acomodou muito bem o discurso de que as ocupações humanas do final do Pleistoceno e início do Holoceno, ao redor de dez mil anos atrás, teriam sido caracterizadas pela caça de animais de grande porte. Essa hipótese vem despencando a olhos vistos nos últimos anos, na medida em que acumulam evidências de ocupações anteriores à transição Pleistoceno/Holoceno, e, mais importante para a discussão aqui proposta, fica cada vez mais claro que não houve uma única estratégia econômica característica das primeiras ocupações do continente. De fato, parece que, desde o início, a diversidade, e não a padronização, foi a marca da ocupação do continente (POLITIS; PRATES; PÉREZ, 2009 apud NEVES, 2015, p. 12).

Em decorrência dos conceitos levantados, pesquisas na Amazônia precisam levar em consideração todos os fatores ou eventos, ou seja, necessitam atravessar literalmente as fronteiras de outras nações como por exemplo Colômbia, Peru, Venezuela e Guiana, haja vista que as culturas que por ali viveram e vivem nem sempre consideram a existência de linhas divisórias- as referências são ditadas conforme delimitações socioculturais (TURNER et al., 2003). Torna-se evidente

que a Amazônia permanece misteriosa, complexa e heterogênea, mas estudos recentes tem de fato transformado esta perspectiva, neste sentido, cabe mencionar a inovadora e histórica pesquisa do arqueólogo e professor da Universidade de São Paulo- Eduardo Góes Neves muitas vezes em parceria com o também arqueólogo estadunidense Michael Heckenberger (HECKENBERGER.; NEVES, 2009; NEVES.; HECKENBERGER, 2019). Ainda neste sentido, Eduardo Góes Neves corrobora que:

De qualquer modo, os arqueólogos amazonistas parecem ter sido bem- -sucedidos em seu intento de busca de sociedades complexas ou cacicados na floresta tropical. Há hoje bons exemplos de conjuntos de sítios arqueológicos em alto Xingu, Marajó, Santarém, Amazônia Central e Bolívia que indicam a presença de sociedades sedentárias, formas claras de modificação da paisagem e algum tipo de hierarquia associada à mobilização de mão de obra para construção de estruturas monumentais (NEVES, 2015, p. 14).

Desta maneira, enveredar-se pelo tema da primeira ocupação humana do continente americano, sobretudo, na Amazônia a partir do final do Pleistoceno (anterior a 12 mil anos antes do presente) e início do Holoceno (posterior a 12 mil anos antes do presente) é levar em consideração a categoria analítica *inclusão* em vez de *exclusão*. Isto indica que nas investigações arqueológicas, principalmente na intenção de realizar melhor interpretação é necessário procurar por materiais propriamente dito, economia, paisagem, ecologia, ontologia cultural, etc. Desta forma, a categoria *inclusão* procura por uma compreensão de longa duração, continuidade e descontinuidade no espaço ambiental, onde três elementos são primordiais- chegada, transformação da natureza e vice-versa e retirada. Ainda nesta perspectiva, o jovem bioarqueólogo Pedro Da Glória destaca que:

As pesquisas sobre primeiros americanos têm sido centradas na origem biológica e na antiguidade de entrada nas Américas. Por outro lado, pouco se discute sobre o entendimento do modo de vida dessas primeiras populações. Em grande medida, isso é devido à complexidade da reconstrução do modo de vida de populações do passado, ainda mais quando há escassez de evidências arqueológicas. A fim de inserir esse importante tópico na discussão sobre os primeiros americanos, irei traçar, de forma breve, um panorama de quais são as evidências biológicas sobre o estilo de vida das populações antigas das Américas, focando nos rituais mortuários e na subsistência (DA GLÓRIA, 2019, p. 442-443).

Em síntese, cabe ainda aludir as plantas domesticadas pelos ameríndios no “coração” da floresta Amazônica- como sendo instrumentos arqueológicos. Mas esta inferência ainda é bastante rejeitada pela Arqueologia Brasileira. Em nossa interpretação, entendemos que as plantas também se encaixam nas categorias artefatos. Posto isto, a Arqueologia de um modo geral precisa modificar a sua estrutura epistemológica, já que muitos de seus defensores vivem a sintetizar que se trata da ciência mais interdisciplinar ou multidisciplinar- porquê então, não a dialogar com outras teorias de conhecimentos de formas mais consistentes.



FIGURA 1. Conjuntos de fragmentos cerâmicos encontrados na região Amazônica, percebe-se uma diversidade impressionante- a demonstrar que por ali passaram muitas culturas em diferentes momentos. **Fonte:** Arqueologia e Pré-História, 2020.



FIGURA 2. Sítio arqueológico Sítio Sol de Campinas com conjuntos de montículos no Acre.
Fonte: Eduardo Góes Neves, 2015.

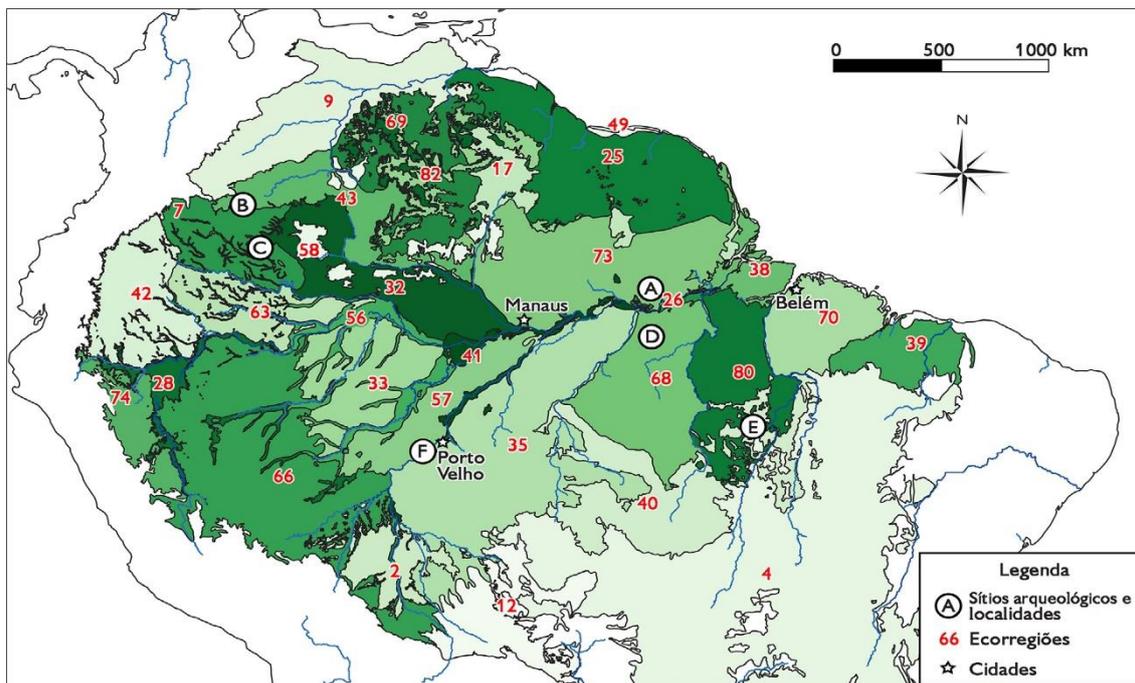


FIGURA 3. Localização da região arqueológica Amazônica. A = Caverna da Pedra Pintada; B = Cerro Azul; C = Peña Roja; D = região de Rurópolis; E = região de Teotônio; F = vários sítios arqueológicos em Carajás. Ecorregiões: 2 = Beni Savanna; 4 = Cerrado; 7 = Caqueta Moist Forests; 9 = Llanos; 12 = Chiquitano Dry Forests; 17 = Guianan Savanna; 25 = Guianan Moist Forests; 26 = Gurupa Varzea; 28 = Iquitos Varzea; 32 = JapuráSolimões-Negro Moist Forests; 33 = Juruá-Purus Moist Forests; 35 = Madeira-Tapajós Moist Forests; 38 = Marajó Varzea; 39 = Maranhão Babaçu Forests; 40 = Mato Grosso Seasonal Forests; 41 = Monte Alegre Varzea; 42 = Napo Moist Forests; 43 = Negro-Branco Moist Forests; 49 = Guianan Freshwater Swamp Forests; 56 = Purus Varzea; 57 = Purus-Madeira Moist Forests; 58 = Rio Negro Campinarana; 63 = Solimões-Japurá Moist Forests; 66 = Southwest Amazon Moist Forests; 68 = Tapajós-Xingu Moist Forests; 69 = Pantepui; 70 = Tocantins/ Pindare Moist Forests; 73 = Uatuma-Trombetas Moist Forests; 74 = Ucayali Moist Forests; 80 = Xingu-Tocantins-Araguaia Moist Forests; 82 = Guianan Piedmont and Lowland Moist Forests. **Fonte:** Myrtle Pearl Shock e Claide de Paula Moraes (2019, p. 266).



FIGURA 4. Terra Preta de Índio, solo modificado pelos nativos amazônicos, isso indica que os ameríndios de outrora dominavam amplamente a natureza. **Fonte:** Chronique-du-maroni, 2019.



FIGURA 5. Cemitério indígena de 700 anos, de acordo com os moradores locais existem inúmeros sítios dessas naturezas que ainda carecem de pesquisa e datações. Muitos sítios ainda são perdidos por ações da natureza. **Fonte:** Girlene Medeiros G1/AM, 2012.



FIGURA 6. Geoflifos no Acre. Estes desenhos “gigantes”, como são conhecidos popularmente na região, simbolizam que os ameríndios amazônicos eram extremamente criativos. **Fonte:** Arqueologia e Pré-História, 2020.

Em virtudes dos fatos mencionados, a pesquisa arqueológica desenvolvida na região Amazônica visa analisar, interpretar e posteriormente compreender e inferir os ameríndios e populações tradicionais de outrora a atualidade contemporânea através de suas múltiplas e dilatada organização social, economia simbólica, cacicados ou complexidade, cosmologias, artes rupestres, cerâmicas, práticas funerárias, trocas socioculturais, reciprocidade, densidade populacional, etc. Muitos vestígios arqueológicos foram deixados, tais como: aldeias antigas, transformações paisagísticas, modificações dos ecossistemas e dos biomas, transfigurações de solos (exemplo por excelência- terra preta de índio), urnas funerárias seguidos de cemitérios, monumentos de pedras, fragmentos cerâmicos, artefatos líticos, pontas de lanças, membros esqueléticos, crânios, domesticações plantas e animais, etc.

2. Sítio Arqueológico Santa Elina e seus mistérios: artes como testemunhos...

Através do artigo, cujo título é “Manifestações simbólicas em Santa Elina, Mato Grosso, Brasil: representações rupestres, objetos e adornos desde o Pleistoceno ao Holoceno recente” (2019), resultados dos arqueólogos Agueda Vilhena Vialou e Denis Vialou, Santa Elina, localizada na Serra das Araras, Estado de Mato Grosso (região Centro-Oeste do Brasil), apresenta dois agrupamentos arqueológicos extraordinários: **1)** um instrumento parietal cercados de pinturas rupestres justapondo-se umbilicalmente a estrutura morfológica do abrigo; **2)** formado por um complexo de ocupações pré-históricas divididas em dois seguimentos estratigráficos- o primeiro chegando até o Pleistoceno (27.000 anos antes do presente), e outra composta por uma importante continuidade de ocupação já no período de Holoceno (11.000 e 2.000 anos antes do presente).



FIGURA 7. Localização do Sítio Arqueológico Santa Elina, Mato Grosso (MT). **Fonte:** Agueda Vilhena Vialou e Denis Vialou, 2019.



FIGURA 8. Interior do abrigo Santa Elina, vestígios encontrados datam de 27.000 até 2.0000 anos dos presentes. **Fonte:** Agueda Vilhena Vialou e Denis Vialou, 2019.

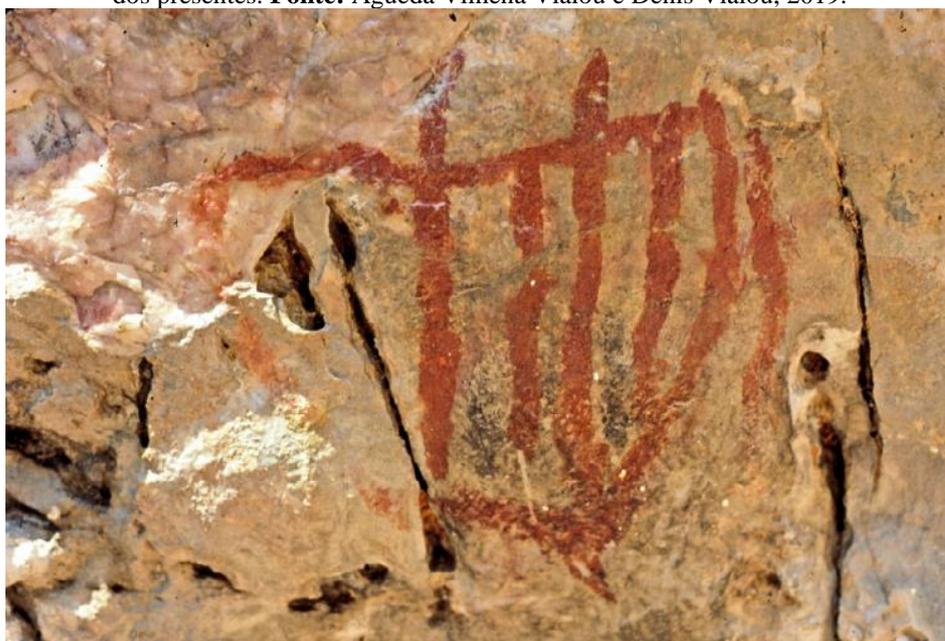


FIGURA 9. Arte rupestre quadrangular no abrigo de Santa Elina, Mato Grosso (MT). **Fonte:** Agueda Vilhena Vialou e Denis Vialou, 2019.



FIGURA 10. A- Pintura de tapir (anta) com aproximadamente 1 metro. **B-** Mesma figura submetida a D-Stretch filtro (YRD). **Fonte:** Agueda Vilhena Vialou e Denis Vialou, 2019.



FIGURA 11. Cena de caça pintada na parede, onde percebe-se que um caçador com uma lança atinge a anta. **Fonte:** Agueda Vilhena Vialou e Denis Vialou, 2019.



FIGURA 12. No grafismo acima nota-se a figura de um macaco e flecha. **Fonte:** Agueda Vilhena Vialou e Denis Vialou, 2019.

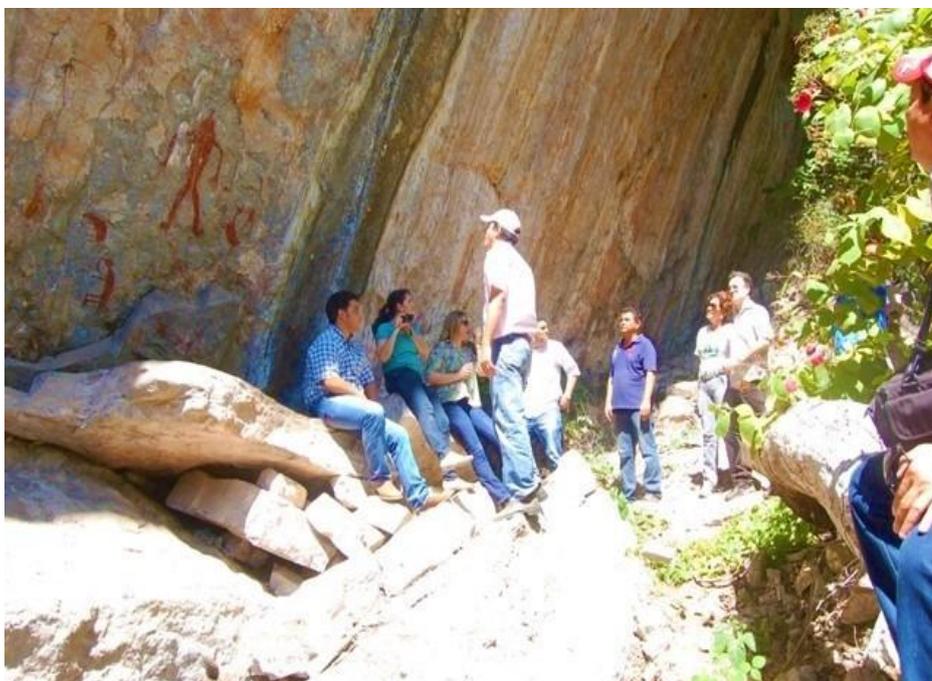


FIGURA 13. Vista parcial do sítio de arte rupestre em Santa Elina. **Fonte:** Chakaruna, 2013.

Tendo em vista os aspectos observados, as imagens anteriores demonstram umas grandes variedades de técnicas, paisagens, solos, engrenagens cosmológicas dos seres pré-históricos que por ali passaram. Os pesquisadores Agueda Vilhena

Vialou e Denis Vialou (2019), tem realizados importantes pesquisas nestes locais, portanto, Santa Elina é um lugar especial na Arqueologia global, precisa ganhar mais importância. Desta forma, os arqueólogos corroboram os seguintes postulados, sem jamais esgotar a discussão:

O abrigo de Santa Elina (Jangada, Mato Grosso) conservou dois conjuntos arqueológicos notáveis: uma sucessão de ocupações sobre aproximadamente 80 m², com até 350 cm de profundidade no centro do abrigo, e um dispositivo parietal de 60 m de comprimento. Os comportamentos simbólicos demonstrados por cerca de mil representações pintadas e gravadas ou por dezenas de objetos, como adornos, e comportamentos técnicos e domésticos, evidenciados principalmente por milhares de artefatos e por fogueiras, estão, assim, topograficamente associados (VILHENA VIALOU; VIALOU, 2019, p. 343).

Destarte, as artes rupestres identificadas em Santa Elina pelos pesquisadores, foram feitas durante o Pleistoceno e Holoceno. Os artistas pré-históricos, nos que tangem as pinturas (pictoglifos) utilizaram-se de diversos mecanismos, ou seja, figuras que foram possíveis graças aos elementos da natureza, sementes, sangue de animais e humanas, água natural misturado com outros produtos, folhas de plantas, dentre outras. Já nos que se referem as gravuras (petroglifos) foram desenvolvidas vias picoteamentos (percussão) e polidas (fricção), onde materiais cortantes (pedras e outros materiais) foram empregados para gerar as formas das figuras. Mas cabe enfatizar que jamais iremos saber, as técnicas exatas empregados nos grafismos. Uma das saídas para melhor compreensão deste tema, referem-se as populações locais, que ainda detém informações sobre o passado, apesar da ressignificação cultural, tais populações nem sempre foram levados em consideração.

Ainda a respeito das artes, cabe contextualizar que as pinturas são preferencialmente gestadas em dois conceitos fundamentais (AGUIAR, 2012): *monocromáticas* (possuindo apenas uma coloração em sua composição organizacional) e *policromáticas* (possuindo mais de uma cor, geralmente, são cores misturadas, afim de distinguir os traços entre si- seria uma forma de delimitação). Ainda nesta lógica, ao nos referirmos aos grafismos rupestres como “arte”, não estamos propor uma definição da arte pela arte propriamente dita, como são conhecidas e classificadas as obras de artes *Guerninica* (1937) de Pablo Picasso

ou *Abaporu* (1928) de Tarsila do Amaral. Estamos cientes que tais artes ocidentais são contemplativas, portanto, a proporcionar nos indivíduos uma genuína *expectativa, encantamento e magia*. Portanto, não estamos a negar essas características aos grafismos pré-históricos, muito pelo contrário, além de levar todos esses fatores em consideração, as artes rupestres vão muito além de mero contemplação- até atrelado a cosmologia, mitologia, ritual, memória e narrativa dos caçadores, pescadores e colares. Assim, “em cada coletivo humano, as pessoas necessariamente vivem situadas e envolvidas nas teias de signos e símbolos que herdaram e das quais dependem para orientar e significar suas existências” (AGUIAR, 2015, p. 4). Por fim, de acordo com o arqueólogo brasileiro Rodrigo Luiz Simas de Aguiar, as artes rupestres são divididas e subdivididas em tradições, sobretudo, para situar os pesquisadores, como podemos notar:

No Brasil, arqueólogos promovem o ordenamento da arte rupestre em chaves de classificação, denominadas tradições. As diferentes manifestações iconográficas são ordenadas respeitando semelhanças no estilo e na técnica de elaboração. Essas chaves classificatórias permitem que todos os arqueólogos “falem uma mesma língua”. As principais tradições arqueológicas propostas para o ordenamento da arte rupestre no Brasil são as seguintes: Tradição Agreste, Tradição Nordeste, Tradição Planalto, Tradição São Francisco, Tradição Geométrica, Tradição Litorânea, Tradição Meridional, Tradição Amazônica. Contudo, inúmeras particularidades registradas em nível regional geraram diversas subdivisões (AGUIAR, 2012, p. 5).

Portanto, cabe enfatizar que a Missão Franco Brasileira- que realizou pesquisa durante 20 anos na região de Santa Elina, município de Jangada, Estado de Mato Grosso (MT), cuja primeira ocupação data de aproximadamente 25.000 anos antes do presente. Tal abrigo ou sítio é amplamente reconhecida pela comunidade arqueológica brasileira, como o segundo mais antigo do país, superado apenas pelo Boqueirão da Pedra Furada na Serra de Capivara, Estado do Piauí (PI), região nordeste do Brasil. Já tratando-se no contexto das Américas é o terceiro, ainda superado pelo sítio Monte Verde no Chile- datado de 30.000 anos antes do presente. Outra coisa que merece destaque neste sítio, é a ossada de uma preguiça gigante da Megafauna conhecido como “Glossotério”, cuja extinção é mais de

10.000 anos do presente. Na região de Santa de Elina são encontrados 792 sítios arqueológicos de artefatos líticos de artes rupestres (IPHAN, 2020).

Embasado na etnografia arqueológica, constatamos que o sítio arqueológico Santa Elina, fica localizada num vale extremamente encantador, um verdadeiro esconderijo para os seres pré-históricos diante das intempéries como chuvas, frios, raio solar e também dos seus inimigos- já que naquela época os indivíduos eram caçadores, pescadores e coletores de produtos alimentícios. Na região também foram localizados poucos fragmentos cerâmicos, mas muitos blocos de pedras, vestígios de animais vertebrados aquáticos, anfíbios, conchas e lugares onde foram cultivados flores, frutos e folhas e seus derivados- tudo isso prova a existência de uma grande diversidade arqueológica, paleontológica e botânica (CHAKARUNA, 2013).

3. Virada ontológica: Serra da Capivara, o novo centro da Arqueologia Americana.

Iniciamos esta discussão a dizer que a região da Serra da Capivara, localizado no Estado brasileiro de Piauí (PI), Nordeste do Brasil, situados nos municípios de São Raimundo Nonato, Coronel José Dias, João Costa e Brejo do Piauí (região Sudeste do Estado) é conhecida globalmente por abrigar uma grande quantidade de sítio arqueológico, conhecida genericamente como a “capital” da arte rupestre brasileira e mais recentemente sul-americana- onde foram e estão sendo encontrados diversos tipos de fragmentos cerâmicos, vestígios líticos, ossadas humanas, pontas de lanças, elementos paleoíndicas e muitas pinturas rupestres de diferentes escalas e “tradições” arqueológicas. Nos últimos anos ficou conhecido internacionalmente, sobretudo, pela polêmica que dirá em torno do sítio arqueológico *Boqueirão da Pedra Furada* e suas datações pleistocênicas superiores, tornando-o o sítio mais antigo das Américas- pesquisas que foram realizadas, principalmente através da Missão Franco Brasileiro, muitas vezes liderada pela arqueóloga brasileira Niède Guidon e colaboradores.

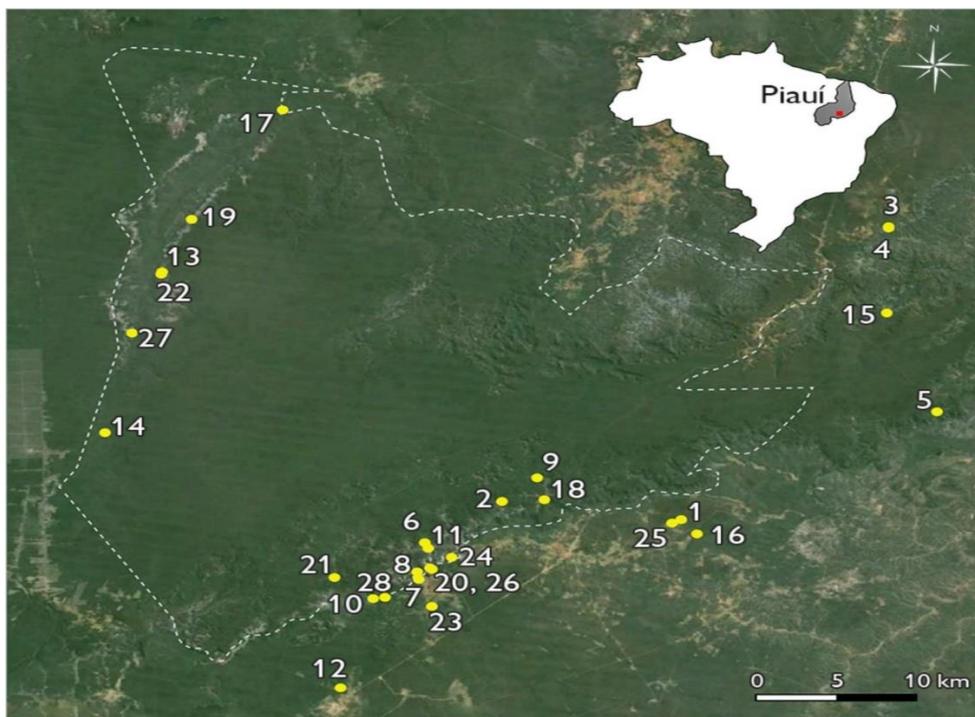


FIGURA 14. Localização dos principais sítios arqueológicos, todos os sítios datam do Pleistoceno Final e Holoceno Inicial. Desta forma, os sítios são denominados das seguintes maneiras: 1 = Antônio; 2 = Baixa das Cabaceiras; 3 = Boa Vista I; 4 = Boa Vista II; 5 = Bojo I; 6 = Caldeirão do Rodrigues I; 7 = Cerca do Elias; 8 = Coqueiros; 9 = Deitado; 10 = Ema do Sítio do Brás I; 11 = Fundo do Baixão da Pedra Furada; 12 = Garrincho; 13 = Inharé; 14 = João Leite; 15 = Justino Aquino IV; 16 = Moendas; 17 = Morcego; 18 = Paraguaio; 19 = Pau Doia; 20 = Pedra Furada; 21 = Perna I; 22 = Pica-Pau; 23 = Pilão; 24 = Sítio do Meio; 25 = Tira-Peia; 26 = Vale da Pedra Furada; 27 = Vento; 28 = Zé Luis. **Fonte:** Antoine Lourdeau (2019, p. 368).

O Parque Nacional Serra da Capivara concentra o maior número de grafismos rupestres do mundo, muitos também datados como mais antigos (as maiores ultrapassam 30.000 anos antes do presente), assim sendo, faz parte do Patrimônio Cultural da Humanidade (UNESCO). Região bastante povoada na pré-história- perceptível mediante a diversidade presente na região, muito ainda desconhecida do público em geral. As figuras representadas nas artes rupestres simbolizam cenas sexuais, rituais, caçadas, partos de mulheres, demarcações territoriais, etc. Desta forma, ainda sobre Boqueirão da Pedra Furada o arqueólogo francês Antoine Lourdeau corrobora:

Os dados oriundos deste sítio contribuem indiscutivelmente nas discussões e nos conhecimentos sobre os processos de povoamento do continente. Por outro lado, a concentração das atenções sobre ele e sobre os debates provocados ofuscaram numerosas pesquisas nesse local que forneceram uma impressionante quantidade de dados sobre as primeiras ocupações humanas nas mais variadas áreas de conhecimento (LOURDEAU, 2019, p. 367- grifos nossos).

A Serra da Capivara tem sido um *locus* privilegiado para pesquisa arqueológica acerca das primeiras ocupações dos *homo sapiens* nas Américas- as matérias-primas recentes tem ressignificados, uma verdadeira transformação na Arqueologia Brasileira e Americana, estendendo-se para o mundo inteiro. No futuro próximo, novas propostas serão formuladas, muitas datações serão refeitas haja vista as mudanças tecnológicas. À vista disto, “a queda do modelo *Clovis first* deixou espaço para uma reorganização da maneira de pensar os povoamentos americanos na pré-história. A hipótese predominante atualmente, a de um povoamento pré-Clovis, mas pós o Último Máximo Glacial” (LOURDEAU, 2019, p. 375).

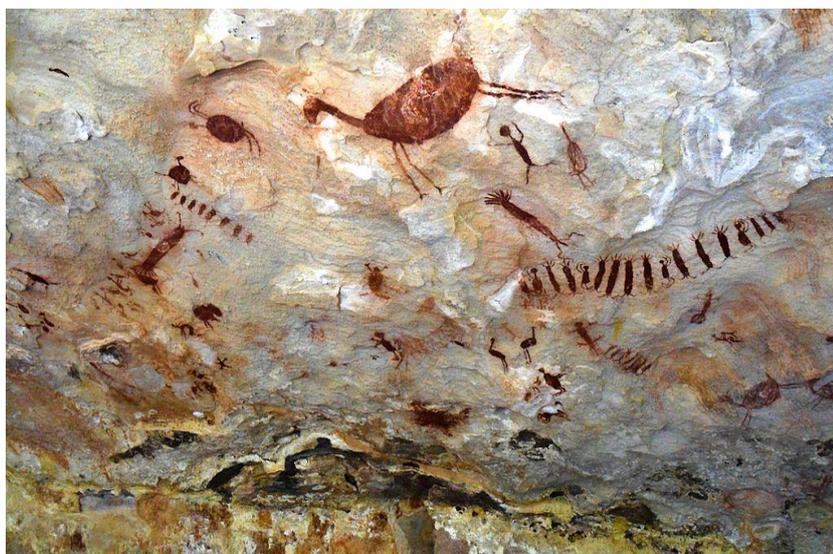


FIGURA 15. Artes rupestres no Sítio Arqueológico Baixão da Vaca. **Fonte:** Diego Rego Monteiro, 2011.



FIGURA 16. Observa-se sepultamento adulto do Pleistoceno-Holoceno. **Fonte:** Antoine Lourdeau, 2019.

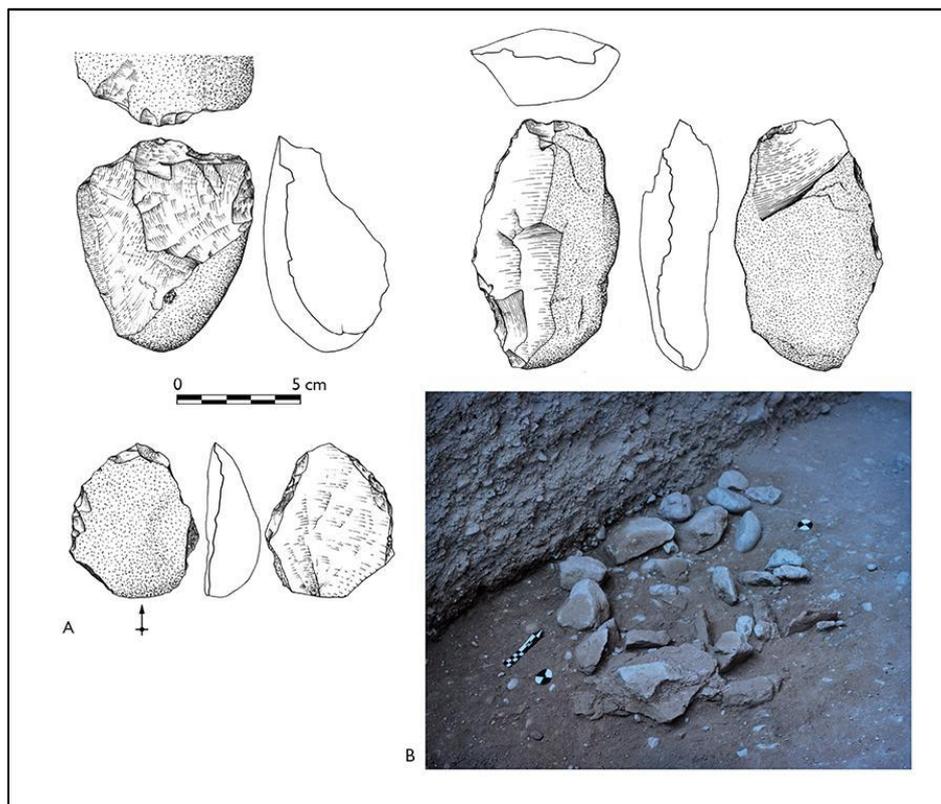


FIGURA 17. A- Exemplos de artefatos líticos. B- Estrutura de combustão do Pleistoceno Final. **Fonte:** Antoine Lourdeau, 2019.

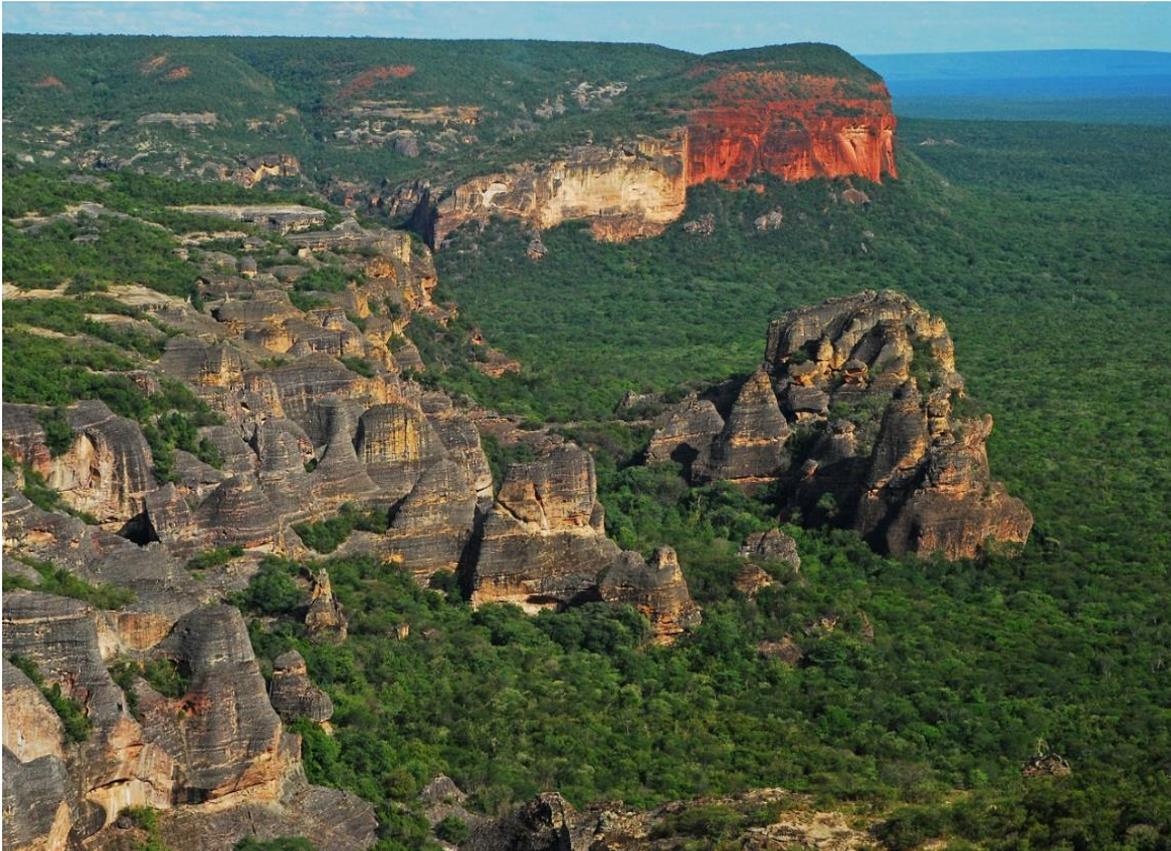


FIGURA 18. Vista aérea da região da Serra da Capivara. **Fonte:** André Pessoa, 2017.

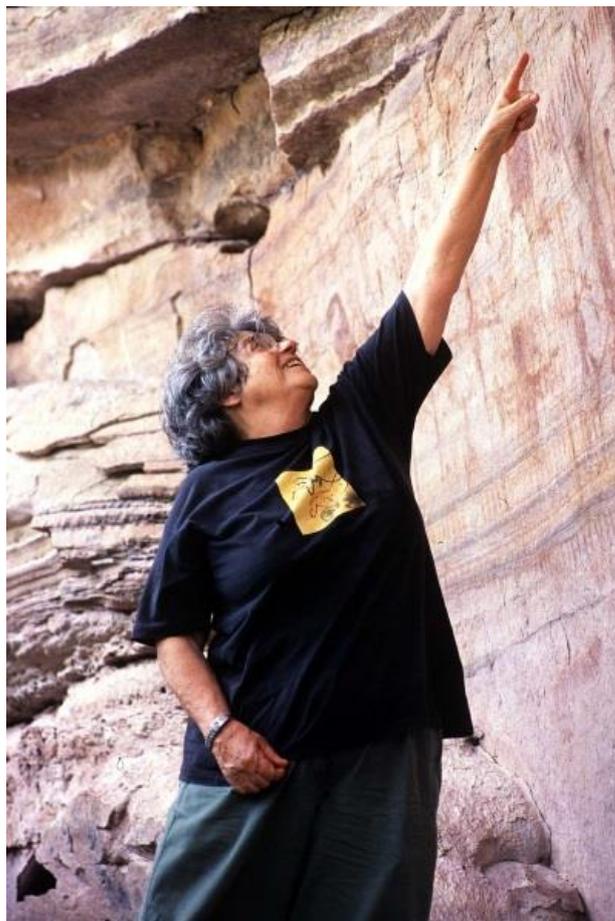


FIGURA 19. Arqueóloga Niède Guidon observa as pinturas rupestres. A pesquisadora é um símbolo de r-existência da Arqueologia da região da Serra da Capivara. **Fonte:** André Pessoa, 2017.



FIGURA 20. Pintura mais conhecida da Serra da Capivara. **Fonte:** Paula Sacchetta, 2018.

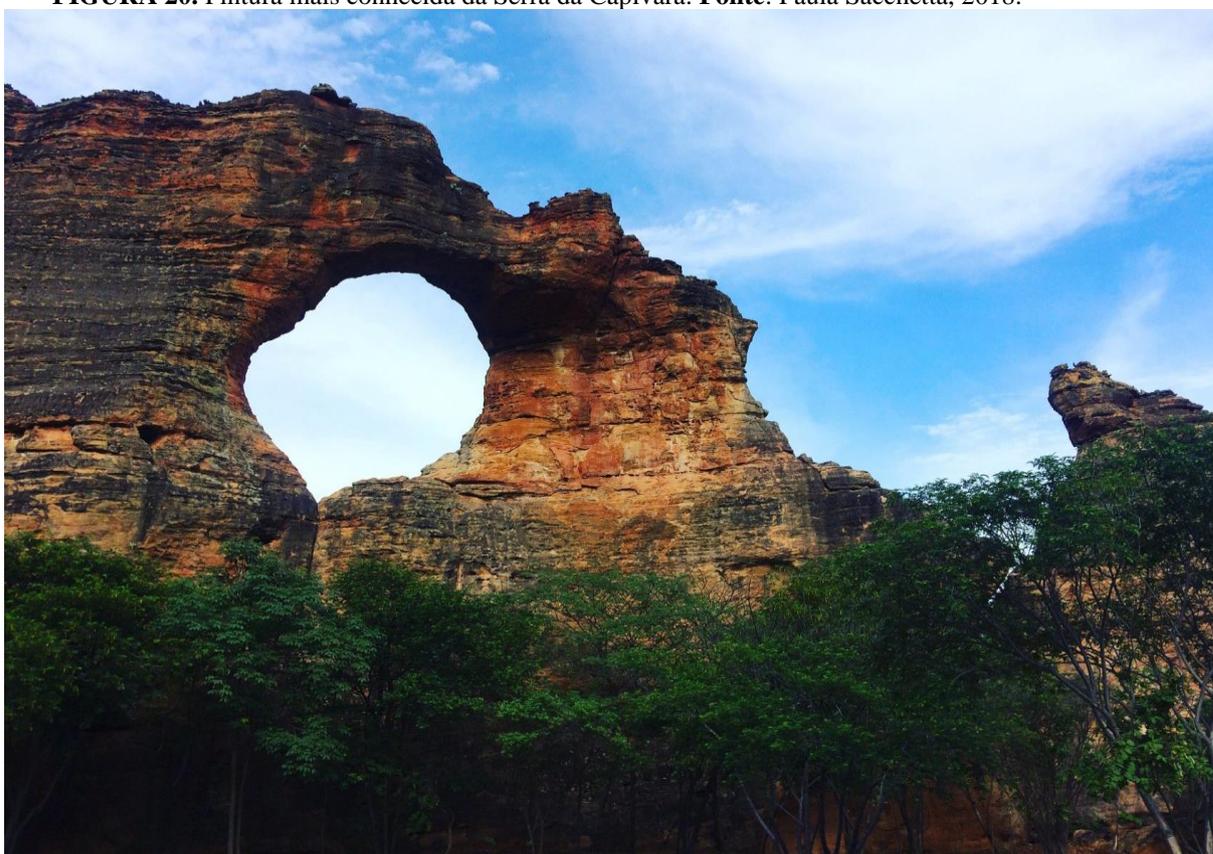


FIGURA 21. Pedra Furada no Parque Nacional da Serra da Capivara, onde são encontrados cerca de 1.500 sítios arqueológicos, com 40 mil pinturas rupestres, muitos ultrapassando 30.000 anos antes do presente. **Fonte:** Eduardo Carvalho, 2019.



FIGURA 22. Pinturas rupestres nas paredes- tais grafismos faziam parte das cosmologias dos primeiros habitantes da Serra da Capivara. **Fonte:** Freeway Viagens, 2020.

4. Sítio Arqueológico Lagoa Santa: Luzia e seus desdobramentos.

No entender dos pesquisadores Sheila M. F. Mendonça de Souza, Claudia Rodrigues-Carvalho, Hilton P. Silva e Martha Locks (2006), a grande região da cidade de Lagoa Santa, localizada na região metropolitana de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais (Sudeste do Brasil), é formada por uma variedade de sítios arqueológicos, perpassando por existência de artes rupestres até chegar nos cemitérios pré-históricos mais longínquos do território brasileiro. Ainda seguindo nesta perspectiva, a geografia da região é extremamente rica em arqueologia, paleontologia, espeleologia, biologia e história. Os autores postulam sobre Lagoa Santa:

Memórias deixadas por naturalistas viajantes já assinalavam a presença de vestígios pré-históricos nas regiões do interior de Minas Gerais, mas foi somente em 1834, quando Peter Willelm Lund iniciou trabalhos sistemáticos no Vale do Rio da Velhas, que a região tornou-se notoriamente de interesse arqueológico. Este dinamarquês fixou residência em Lagoa Santa, onde fez pesquisas paleontológicas. Registrando também a presença de sítios arqueológicos, chegou a retirar ossos humanos dos

depósitos que julgara inicialmente apenas fossilíferos, e registrou a presença de sítios arqueológicos, sempre que pode reconhecê-los. Entre tais registros estão inclusive sinalações rupestres como as da Lapa das Poções, em Cerca Grande, e da Pedra dos Índios (SOUZA et al, 2006, p. 28).

Feitas estas premissas, a primeira escavação propriamente dita ocorreu em 1840, na investigação paleontológica realizada na Gruta do Sumidouro- neste local, foram encontradas ossadas humanas, misturados com fósseis de animais- até então, isso era incomum na arqueologia e paleontologia que imperavam a época, no caso a Europa. Estes achados de mais ou menos 30 pessoas, principalmente atrelado a Megafauna, suscitou uma polêmica importante- por exemplo, o porquê do desaparecimento ou extinção de uma certa espécie e de outra, não. Assim, tais achados não se distanciam muitos dos primeiros encontrados no mundo:

Tendo sido anteceditos de apenas alguns anos pelos dois primeiros achados de crânios Neandertal na Europa (Lazareto, em Nice, na França, em 1826 e Engis, na Bélgica, em 1829), os achados de Lund foram, como ele mesmo acentuou, precursores, dando-se num momento em que ainda não se havia acumulado conhecimentos paleontológicos sobre o surgimento do homem, e a própria discussão do paradigma evolucionista estava por firmar-se (SOUZA et al, 2006, p. 28).

Portanto, os mesmos pesquisadores continuam a sintetizar que:

Com sua publicação sucedida por dois outros achados – o de Forbe Quarry, em Gibraltar, em 1848, e o de La Chaise, também na França, em 1850 – os achados do Sumidouro se deram, obviamente, no contexto inicial de descobrimento de fósseis humanos, alimentando a efervescência das controvérsias entre as teorias evolutivas e os dogmas religiosos (SOUZA et al, 2006, p. 28).

Todos os elementos e fatores apresentados, levantam umas séries de questões sobre a primeira ocupação das Américas, nesta época se discutiam ainda se os ameríndios possuíam origens na Europa ou haviam surgidos no próprio continente (conceito este que precisa ser revisitado, sabe lá por qual razão caiu no esquecimento). Na ocasião também se debatiam as interrogações que emergiram conforme os achados em solos brasileiros, como podemos observar:

Vemos, pois, que a América já era habitada em tempo em que os primeiros raios da história não tinham ainda apontado no horizonte do Velho Mundo, e que os povos daquela época, que

aqui habitavam, eram da mesma raça que os habitantes desta região nos tempos do descobrimento. Estes dois resultados, na verdade, pouco harmonizavam com as idéias geralmente aceitas sobre a origem dos habitantes desta parte do mundo (...) se considerarmos que a natureza procede do imperfeito para o perfeito; que esta parte do mundo é, do ponto de vista geológico, considerada antiga; enfim, que o exame da caverna em questão nos leva a admitir a habitação desta parte do mundo desde os tempos mais remotos, devemos convir, segundo creio, que temos boas razões para emitir, ao lado de conjecturas ainda menos firmes, uma opinião que causaria a modificação total da relação cronológica que se estabeleceu até hoje entre as duas raças de que falamos (LUND, 1950, p. 487-93 apud SOUZA et al, 2006, p. 30).

Pela observação dos aspectos analisados, os vestígios arqueológicos oriundos de Lagoa Santa foram destaque mundial, ou seja, “o pensamento do dinamarquês, suas idéias sobre a extinção da megafauna, e sobre a formação das jazidas paleontológicas e arqueológicas, influenciou internacionalmente” (SOUZA et al, 2006, p. 30). Por conseguinte, posterior a Lund, através do Museu Nacional, “o primeiro arqueólogo a testar em campo a proposição da contemporaneidade do homem com a fauna extinta, foi Padberg Drenkpohl” (ibidem). Este outro importante pesquisador descreveu que:

Achando nessa lapa, que batizei de Lapa Mortuária, relíquias de uns 80 indivíduos humanos e muitos restos, especialmente dentes de animais extintos, mormente grandes, como de mastodonte, cavalos indígenas, Macharuchenia etc., a escavação foi feita sistematicamente, com auxílio de mais de meia dúzia de operários, durante todo o mês de outubro, acompanhando tudo com apontamentos, desenhos, photographias etc. Verificou-se que os restos humanos (entre os quais um ou outro esqueleto quase completo: os primeiros conhecidos da ‘raça de Lagoa Santa’! – meia dúzia de crânios bem mensuráveis, mais de 50 mandíbulas, inúmeros dentes e especialmente muitos ‘rochedos’, i.e., as partes petrosas do osso temporal, muitas vezes a única testemunha dum indivíduo, estavam sem ordem, às vezes debaixo de grandes lajes ou blocos calcáreos (PADBERG, 1926, p. 4 apud SOUZA et al, 2006, p. 31).

Outra pesquisa ainda foi desenvolvida nesta região, também enviados pelo Museu Nacional, referem-se aos pesquisadores Bastos de Ávila, Rui de Lima e Silva e Ney Vidal em 1937. Autores que, “com base no achado de um sítio que continha sepultamentos em situação primária, sob lajes de pedra, limitaram-se a

dizer pouco dos mesmos, não chegando a contribuir para a discussão” (SOUZA et al, 2006, p. 31). Desta forma:

Outras missões de pesquisa se seguiram, conduzidas pela Academia de Ciências de Minas Gerais, onde Harold Walter, Arnaldo Cathoud e Anibal Matos iniciariam seus trabalhos em 1933, escavando numerosas grutas e abrigos e publicando até a década de 70. A coleção formada na época, hoje sob guarda da Universidade Federal de Minas Gerais, ainda é estudada, apesar dos problemas representados pela falta de informações de campo que satisfaçam as exigências metodológicas atuais SOUZA et al, 2006, p. 31).

4. 1. Luzia e o contexto arqueológico em Lagoa Santa, Minas Gerais...

Luzia é amplamente conhecida, aceita e divulgada como o fóssil humano mais antigo da América do Sul, datam de aproximadamente 12 500 a 13 000 anos antes do presente (FEATHERS et al, 2010). Luzia teria morrido entre 20 e 24 anos de idade, muitos ainda se referem a ela como pertencente dos primeiros indivíduos que pisaram pela primeira vez no continente americano. Restos mortais de Luzia foram localizados na década de 1970, conforme escavações empreendidas na Lapa Vermelha, numa gruta, na cidade de Pedro Leopoldo. Tal denominação foi cunhado pelo bioarqueólogo do Departamento de Genética e Biologia Evolutiva da Universidade de São Paulo (USP) Walter Alves Neves, certamente a inspiração originou-se da figura histórica e emblemática de Lucy (*Australopithecus Afarensis*), encontrado na Etiópia (África) no ano de 1974, com datação de 3, 5 milhões de anos antes do presente. Os pesquisadores Verlan Valle Gaspar Neto Ricardo Ventura Santos (2009), a dialogar com Teich (1999), corroboram:

Luzia era uma mulher baixa, de apenas 1,50 metro de altura [...], 20 e poucos anos de idade. Sem residência física, perambulava pela região onde hoje está o Aeroporto Internacional de Confins, nos arredores de Belo Horizonte, acompanhada de uma dúzia de parentes [...]. Na maioria das vezes se contentava com os frutos das árvores baixas e retorcidas, uns coquinhos de palmeira, tubérculos e folhagens... Em ocasiões especiais, dividia com seus companheiros um pedaço de carne de algum animal que conseguiam caçar. Foi possivelmente vítima de um acidente, ou do ataque de um animal. O corpo ficou jogado numa caverna. Passados mais de 100 séculos, a mais antiga brasileira está emergindo das profundezas de um sítio arqueológico para a notoriedade do mundo científico (TEICH, 1999, p. 80 apud GASPARETO; SANTOS, 2009, p.455).

Postas estas alegações, Verlan Valle Gaspar Neto Ricardo Ventura Santos (2009), enfatizam que no ano de 1999, a Revista Veja trazia em capa os seguintes dizeres: “Luzia”, A Primeira Brasileira- isso era uma forma de chamar atenção do público sobre uma nova reviravolta na Arqueologia Brasileira, portanto, estampando o orgulho nacional.

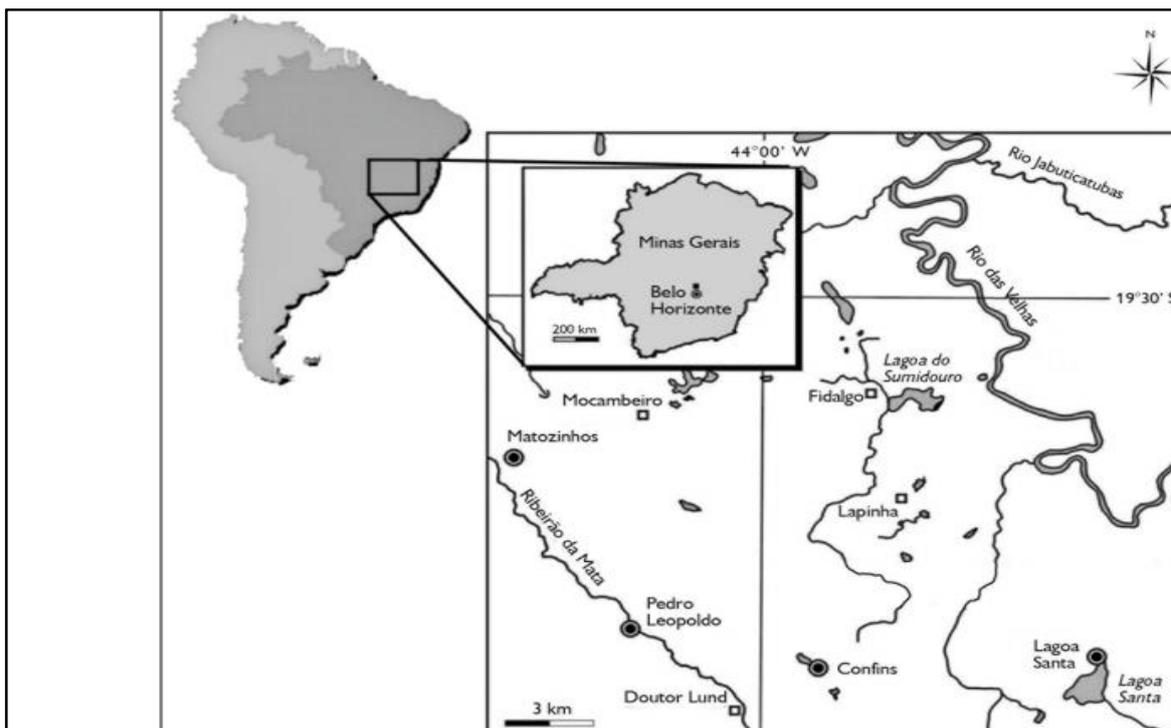


FIGURA 23. Localização do Sítio Arqueológico Lagoa Santa em Minas Gerais (MG). Fonte: Da-Glória; Neves e Hubbe, 2017.

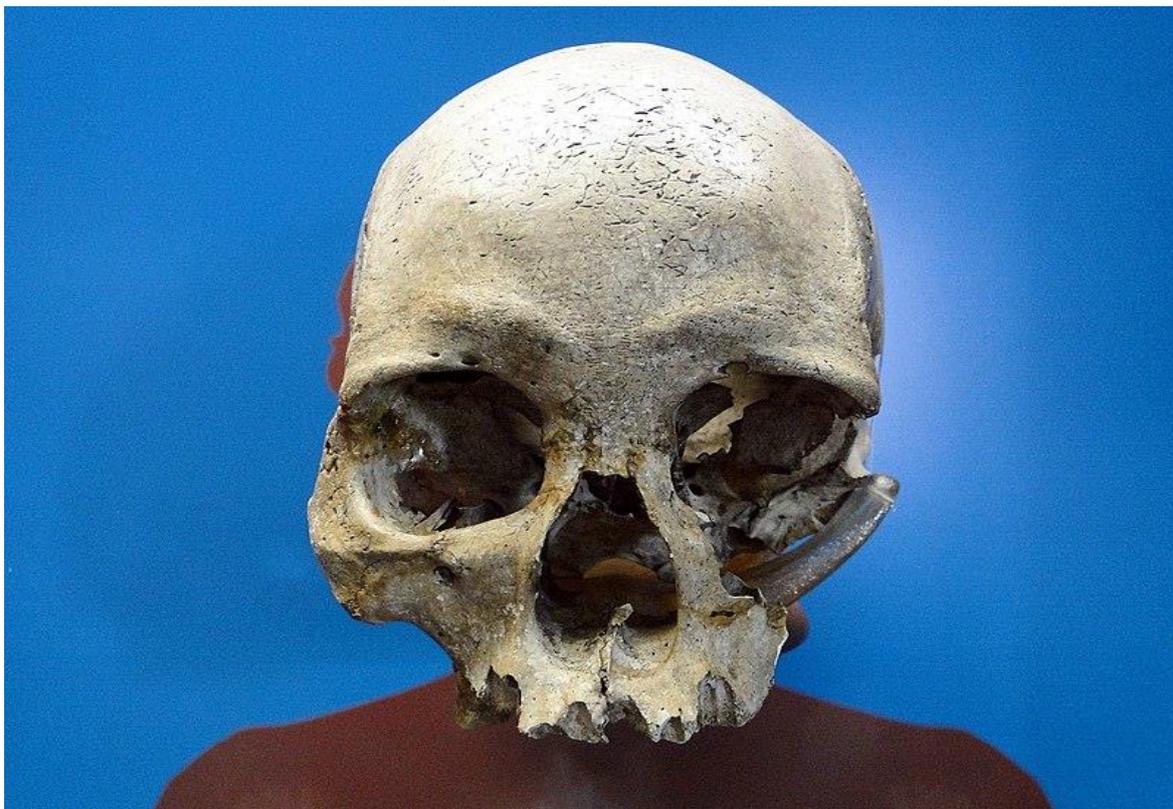


FIGURA 24. Crânio de Luzia exposto no Museu Nacional da (antes do incêndio-2018). De acordo com diversos pesquisadores, o crânio possui semelhança negroides africanas e aborígenes australianos. **Fonte:** Gian Cornachinim, 2012.

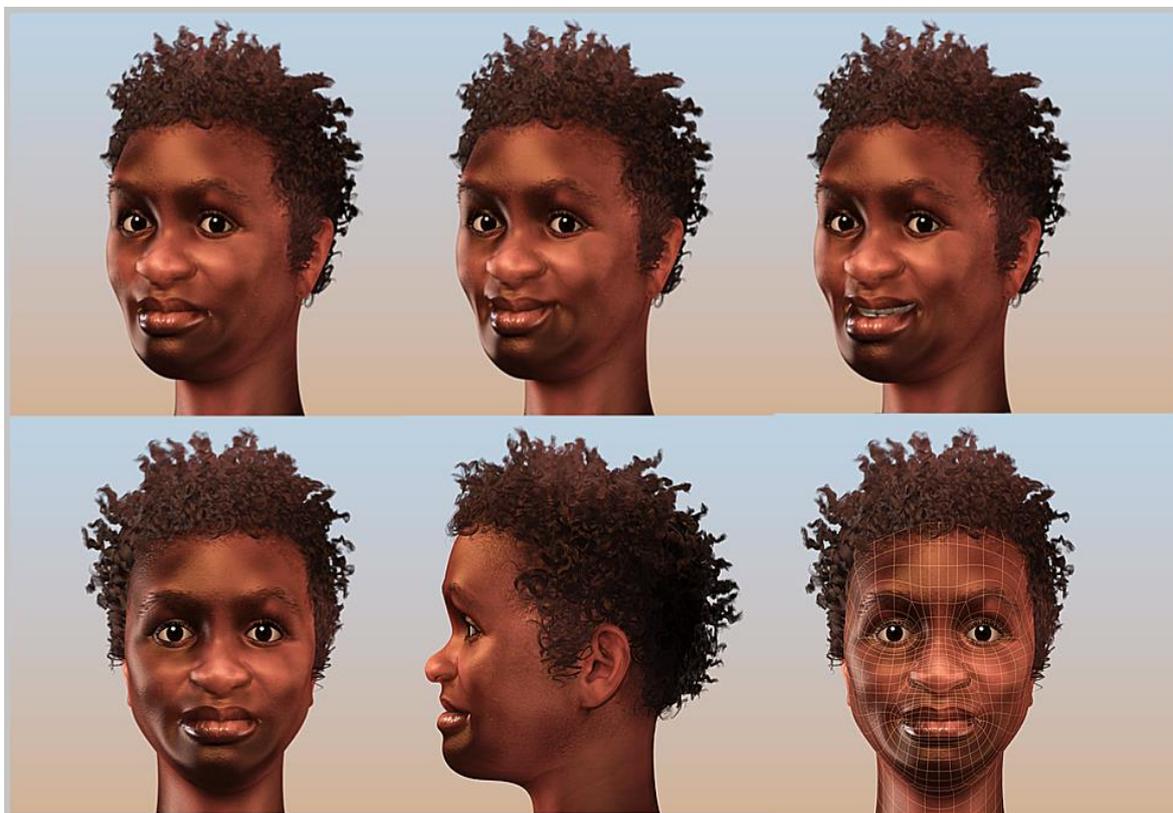


FIGURA 25. Reconstituição computadorizada do rosto da primeira mulher, a priori, moradora das Américas. Tais características como a cor da pele e o cabelo crespo são exclusivamente hipóteses e deduções biológicas, antropológicas e arqueológicas. **Fonte:** Cicero Moraes, 2012.



FIGURA 26. Fotogrametria de Luzia em 3D. **Fonte:** Cicero Moraes, 2012.

Reflexões finais: precisamos seguir adiante.

Neste artigo percorremos as quatro principais regiões arqueológicas do Brasil: a região Amazônica (Amazonas, Pará e Acre); Santa Elina no Mato Grosso, Serra da Capivara no Piauí e Lagoa Santa em Minas Gerais. Nosso objetivo foi trazer os principais elementos encontrados nestes sítios (artes rupestres, fragmentos cerâmicos, vestígios arqueobotânicos e esqueletos humanísticos)- tudo isso partir de uma linguagem acessível, afim de facilitar a compreensão, principalmente dos alunos das escolas públicas e privadas do Brasil, onde tais informações são poucos difundidos, concentrando-se somente em academias.

Mediante as premissas anteriores, finalizamos brevemente este texto a dizer: que de fato a epistemologia arqueológica é uma teoria de conhecimento extremamente caro, é necessário urgentemente maior investimento por parte do poder público (município, Estado e União). Assim, muitas investigações foram

desenvolvidas por instituições estrangeiras ou privadas, afim de atender suas demandas internas e externas, deixando de lado as expectativas ou interesses locais, como transcorrem as populações indígenas do Brasil e do mundo.

Portanto, reconhecemos que a arqueologia praticada em território brasileiro ainda carrega um emaranhado de concepções colonialistas, arcaicas e ultrapassadas, como muito bem já nos alertou o arqueólogo multidisciplinar Jorge Eremites de Oliveira (2016). Sem contar que há diversas rivalidades nos meios acadêmicos, muitos a ignorar investigações com os povos indígenas, assim sendo, concluímos que existe uma *arqueologia de aversão* aos povos ameríndios no Brasil. Por fim, cabe apenas dizer que a estrada é longa, mas precisamos dar os primeiros passos, ou melhor, seguir os passos já conquistados com muitos esforços.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, R. L. S. **Arte Rupestre: conceitos introdutórios**. Laboratório de Arqueologia, UFGD, 2012. Disponível em:
<http://www.do.ufgd.edu.br/rodrigoaguilar/arterupestre.pdf>. Acesso: 28/03/2020.

AGUIAR, R. L. S. **Pessoas, Objetos, Tempo e Espaço: Reflexões acerca das relações entre arte rupestre e ocupação do espaço ambiental na pré-história**. Artigo de pós-doutoramento em Arqueologia Pré-Histórica, Faculdade de Letras-Universidade de Coimbra, 2015.

CHAKARUNA- Abya Yala sem Fronteiras.

Disponível em: <http://hernehunter.blogspot.com/2013/06/santa-elina-mato-grosso.html>
Acesso: 23/03/2020.

EREMITES DE OLIVEIRA, J. **Etnoarqueologia, colonialismo, patrimônio arqueológico e cemitérios Kaiowá no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil**. Revista de Arqueologia, v. 29, p. 136-169, 2016. DOI:
<https://doi.org/10.24885/sab.v29i1.446>.

DA-GLORIA, Pedro; NEVES, Walter Alves; HUBBE, Mark. **História das pesquisas bioarqueológicas em Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v. 12, n. 3, p. 919-936, set.-dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222017000300014>.

DA-GLORIA, Pedro. **Ocupação inicial das Américas sob uma perspectiva bioarqueológica**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 2, p. 429-457, maio-ago. 2019.
DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000200009>.

FEATHERS et al. **"How old is Luzia? Luminescence dating and stratigraphic integrity at Lapa Vermelha, Lagoa Santa, Brazil"**. *Geoarchaeology* 25 (4): 395–436, 2010.

GASPAR NETO, Verlan Valle; SANTOS, Ricardo Ventura. **A cor dos ossos: narrativas científicas e apropriações culturais sobre “Luzia”, um crânio pré-histórico do Brasil**. *Mana: Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 449-480, out. 2009. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132009000200005>.

IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/624/> Acesso: 23/02/2020.

NEVES, Eduardo G. **Existe algo que se possa chamar de 'arqueologia brasileira'?** *Estudos Avançados (USP. Impresso)*, v. 83, p. 7-17, 2015.

NEVES, Eduardo G.; HECKENBERGER, Michael J. **The Call of the Wild: Rethinking Food Production in Ancient Amazonia**. *Annual Review of Anthropology*, v. 48, p. 371-388, 2019.

HECKENBERGER, M. J.; NEVES, E. G. **Amazonian Archaeology**. *Annual Review of Anthropology*, v. 38, p. 251-266, 2009.

LOURDEAU, Antoine. **A Serra da Capivara e os primeiros povoamentos sul-americanos: uma revisão bibliográfica**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 2, p. 367-398, maio-ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.812 22019000200007>.

SILVA, Fabíola. A. **Arqueologia colaborativa com os Asurini do Xingu: Um relato sobre a pesquisa no igarapé Piranhaquara, T.I. Koatinemo**. *Revista de Antropologia*, 2015, 58(2): 143-172. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2015.108570>.

SHOCK, Myrtle Pearl; MORAES, Claide de Paula. **A floresta é o domus: a importância das evidências arqueobotânicas e arqueológicas das ocupações humanas amazônicas na transição Pleistoceno/Holoceno**. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 14, n. 2, p. 263-289, maio-ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000200003>.

SOUZA, S. M. et al. **Revisitando a discussão sobre o Quaternário de Lagoa Santa e o povoamento das Américas: 160 anos de debates científicos**. In: SILVA, H. & RODRIGUES-CARVALHO, C. *Nossa Origem: o povoamento das Américas, visões multidisciplinares*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

TURNER, N. J.; DAVIDSON-HUNT, I. J.; O'FLAHERTY, M. **Living on the edge: ecological and cultural edges as sources of diversity for social – ecological**

resilience. Human Ecology, Berlin, v. 31, n. 3, p. 439-461, Sept. 2003. DOI:
<https://doi.org/10.1023/A:1025023906459>.

VILHENA VIALOU, Agueda; VIALOU, Denis. **Manifestações simbólicas em Santa Elina, Mato Grosso, Brasil: representações rupestres, objetos e adornos desde o Pleistoceno ao Holoceno recente.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 14, n. 2, p. 343-365, maio-ago. 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981.81222019000200006>.

Submetido em: 12/03/2020

Aprovado em: 09/04/2020

Publicado: 1º/05/2020

ⁱⁱ Universidade de São Paulo- USP. E-mail: rosalvortiz@hotmail.com